



REGULAMENTO ANTIDOPAGEM

Aprovado em reunião de direção em 05/02/2013

ÍNDICE

Capítulo I - Disposições Gerais	3
Artigo 1.º - Objeto, âmbito e definições	3
Artigo 2.º - Princípio da ética desportiva	3
Artigo 3.º - Proibição de dopagem	3
Artigo 4.º - Lista de substâncias e métodos proibidos	3
Artigo 5.º - Deveres do praticante desportivo	4
Artigo 6.º - Responsabilidade do praticante desportivo.....	4
Artigo 7.º - Corresponsabilidade do pessoal de apoio do praticante desportivo.....	4
Artigo 8.º - Responsabilidade dos dirigentes e pessoal das entidades desportivas.....	5
Artigo 9.º - Grupo alvo de praticantes desportivos.....	5
Artigo 10.º - Dever de informação.....	6
Artigo 11.º - Disciplinas Coletivas.....	7
Artigo 12.º - Praticante desportivo portador de deficiência	7
Artigo 13.º - Obrigação de submissão a controlo de dopagem.....	8
Capítulo II - Ações e Tramitação do Controlo	8
Artigo 14.º - Ações de controlo	8
Artigo 15.º - Solicitação dos controlos de dopagem	9
Artigo 16.º - Instalações	9
Artigo 17.º - Ações de controlo em competição	9
Artigo 18.º - Seleção dos praticantes desportivos.....	10
Artigo 19.º - Notificação da ação do controlo	10
Artigo 20.º - Comparência no local do controlo	10
Artigo 21.º - Ausência no controlo por assistência médica	11
Artigo 22.º - Submissão ao controlo	11
Artigo 23.º - Colheita de amostras	11
Artigo 24.º - Notificações relativas a resultados analíticos positivos	12
Artigo 25.º - Realização da segunda análise	13
Capítulo III - Regime Sancionatório e Procedimento Disciplinar	14
Artigo 26.º - Ilícitos disciplinares.....	14
Artigo 27.º - Denúncia	14
Artigo 28.º - Abertura de procedimento disciplinar	14
Artigo 29.º - Procedimento disciplinar	14
Artigo 30.º - Aplicação de sanções disciplinares	15
Artigo 31.º - Impugnação de sanções disciplinares	15
Artigo 32.º - Presença ou uso de substâncias ou métodos proibidos.....	16
Artigo 33.º - Substâncias específicas	16
Artigo 34.º - Outras violações às normas antidopagem	16
Artigo 35.º - Sanções ao pessoal de apoio ao praticante desportivo.....	16
Artigo 36.º - Múltiplas violações.....	17

Artigo 37.º - Sanções por violação da obrigação de confidencialidade	17
Artigo 38.º - Determinação da medida da multa.....	18
Artigo 39.º - Direito a audiência prévia	18
Artigo 40.º - Eliminação ou redução do período de suspensão com base em circunstâncias excecionais	18
Artigo 41.º - Agravamento do período de suspensão com base em circunstâncias agravantes.....	19
Artigo 42.º - Parecer prévio	20
Artigo 43.º - Início do período de suspensão.....	20
Artigo 44.º - Estatuto durante o período de suspensão.....	21
Artigo 45.º - Suspensão dos praticantes desportivos.....	21
Artigo 46.º - Praticantes integrados no sistema do alto rendimento	22
Artigo 47.º - Comunicação das sanções aplicadas e registo	22
Artigo 48.º - Invalidação de resultados individuais	22
Artigo 49.º - Efeitos para equipas e clubes	23
Artigo 50.º - Anulação de resultados em competições realizadas após a recolha das amostras	23
Artigo 51.º - Denúncia obrigatória.....	23
Capítulo IV - Casos Omissos e Entrada em Vigor	24
Artigo 52.º - Casos Omissos	24
Artigo 53.º - Entrada em vigor e alterações.....	24
Anexo I	25
Anexo II	34
Anexo III.....	35

Capítulo I - Disposições Gerais

Artigo 1.º - Objeto, âmbito e definições

O presente regulamento, tem por objetivo estabelecer o quadro geral da luta contra a dopagem na modalidade – de acordo com as disposições contidas na Lei n.º 38/2012 de 28 de Agosto e legislação complementar ou sucedânea – aplicando-se aos praticantes desportivos, pessoal de apoio ao praticante desportivo, entidades organizadoras de manifestações desportivas, agentes desportivos, pessoal de apoio do praticante desportivo, sociedades anónimas desportivas, associações e clubes inscritos ou filiados na Federação de Ginástica de Portugal (FGP).

Artigo 2.º - Princípio da ética desportiva

A atividade desportiva é desenvolvida em observância dos princípios da ética, da defesa do espírito desportivo, da verdade desportiva e da formação integral de todos os participantes.

Artigo 3.º - Proibição de dopagem

Nos termos da lei e do presente regulamento é proibida a dopagem a todos os praticantes desportivos regularmente filiados nesta Federação, dentro e fora das competições desportivas, bem como aquele que, não se encontrando inscrito ou filiado, participe numa competição de Ginástica realizada em território português.

Artigo 4.º - Lista de substâncias e métodos proibidos

1. A lista de substâncias e métodos proibidos em vigor é aprovada por portaria do membro do Governo responsável pela área do desporto e publicada no Diário da República.
2. A ADoP divulga a lista de substâncias e métodos proibidos junto da FGP que, no âmbito das suas várias disciplinas, adota e publicita no sítio Internet oficial da Federação.
3. A lista de substâncias e métodos proibidos é revista anualmente ou, sempre que as circunstâncias o justifiquem, pela ADoP, sendo atualizada pela forma mencionada no n.º 1.
4. A lista de substâncias e métodos proibidos faz parte integrante do presente Regulamento figurando como anexo (Anexo 1), sendo atualizável nos moldes indicados no número anterior.

Artigo 5.º - Deveres do praticante desportivo

1. Cada praticante desportivo tem o dever de se assegurar de que não introduz ou é introduzido no seu organismo qualquer substância proibida ou que não existe recurso a qualquer método proibido.
2. O praticante desportivo deve informar-se junto do representante da entidade organizadora do evento ou competição desportiva em que participe, ou junto do responsável pela equipa de controlo, se foi ou pode ser indicado ou sorteado para se submeter ao controlo.
3. O praticante desportivo não deve abandonar os espaços desportivos nos quais se realizou esse evento ou competição sem se assegurar de que não é alvo do controlo.

Artigo 6.º - Responsabilidade do praticante desportivo

1. Os praticantes desportivos são responsabilizados, nos termos previstos na legislação em vigor, por qualquer substância proibida ou os seus metabolitos ou marcadores encontrados nas suas amostras orgânicas, bem como pelo recurso a qualquer método proibido.
2. A responsabilidade a que se refere o número anterior pode ser afastada pelos critérios especiais para a avaliação de substâncias proibidas, que podem ser produzidas de forma endógena.
3. A responsabilidade pode ainda ser afastada nos casos em que a substância proibida ou os seus metabolitos ou marcadores não exceda os limites quantitativos estabelecidos na lista de substâncias e métodos proibidos ou na Norma Internacional de Laboratórios.

Artigo 7.º - Corresponsabilidade do pessoal de apoio do praticante desportivo

1. Sem prejuízo do disposto no artigo 10º da Lei n.º 38/2012 de 28 de Agosto relativamente ao tratamento médico dos praticantes desportivos incumbe em especial aos profissionais de saúde que acompanham de forma direta o praticante desportivo zelar para que este se abstenha de qualquer forma de dopagem, não podendo, por qualquer meio, dificultar ou impedir a realização de um controlo.
2. Igual obrigação impende, com as necessárias adaptações, sobre o restante pessoal de apoio ao praticante desportivo, bem como sobre todos os que mantenham com este uma relação de hierarquia ou de orientação.

3. A obrigação referida nos números anteriores inclui o dever de esclarecer o praticante desportivo sobre a natureza de quaisquer substâncias ou métodos que lhe sejam ministrados e de o manter informado dos que sejam proibidos, bem como das suas consequências e, no âmbito das respetivas competências, tomar todas as providências adequadas a desaconselhar e a prevenir o seu uso por parte daquele.
4. Tratando-se de treinadores e profissionais de saúde, a obrigação referida nos números anteriores inclui ainda o dever de informar a ADoP sobre os praticantes desportivos em relação aos quais se suspeite que possam estar a utilizar substâncias ou métodos proibidos.

Artigo 8.º - Responsabilidade dos dirigentes e pessoal das entidades desportivas

1. Os dirigentes, membros dos órgãos disciplinares e demais pessoal da FGP que tenham funções no controlo de dopagem estão sujeitos ao dever de confidencialidade referente aos assuntos que conheçam em razão da sua atividade.
2. Sem prejuízo da responsabilidade civil, criminal ou outra prevista em lei específica, a violação da confidencialidade no tratamento de dados pessoais ou outra informação sensível relativa ao controlo de dopagem constitui infração disciplinar.

Artigo 9.º - Grupo alvo de praticantes desportivos

1. Até ao início de cada época competitiva a ADoP define os praticantes desportivos a incluir no grupo alvo a submeter a controlos fora de competição, nomeadamente aqueles que:
 - a. Integrem o regime de alto rendimento, excetuando os que já se encontram integrados no grupo alvo da Federação Internacional de Ginástica (FIG);
 - b. Integrem as seleções nacionais;
 - c. Indiciem risco de utilização de substâncias ou métodos proibidos através do seu comportamento, da sua morfologia corporal, do seu estado de saúde e dos seus resultados desportivos;
 - d. Se encontrem suspensos por violações de normas antidopagem.
2. Para efeitos do disposto no número anterior, compete à Federação de Ginástica de Portugal informar a ADoP do seguinte:
 - a. Do nome e contactos atualizados dos praticantes desportivos integrados no grupo alvo de praticantes desportivos a submeter a controlos fora de competição;
 - b. Se um praticante desportivo integrado no grupo alvo se retirou da prática desportiva;

- c. Se um praticante desportivo retirado, mas que esteve incluído no grupo alvo de praticantes, reiniciou a sua atividade desportiva.
3. Os dados referidos no número anterior são facultados no prazo máximo de sete dias, contados da data da solicitação da ADoP ou do conhecimento da Federação de Ginástica de Portugal sobre os mesmos.
4. Compete à FGP informar a ADoP de quais os praticantes desportivos incluídos no grupo alvo que são menores de idade, por forma a que a ADoP possa notificar o responsável pelo poder paternal.
5. Compete à Federação de Ginástica de Portugal colaborar com a ADoP na divulgação de informação relativa aos deveres referidos nos números anteriores.
6. Os praticantes desportivos permanecem integrados no grupo alvo até serem notificados em contrário pela ADoP.

Artigo 10.º - Dever de informação

1. O praticante desportivo incluído no sistema de localização envia à ADoP trimestralmente, a informação prevista no n.º 1 do artigo 7.º da lei n.º 38/2012, de 28 de agosto.
2. Para efeitos do disposto no número anterior, bem como da atualização dessa informação, o praticante desportivo envia a informação trimestral à ADoP, tendo esta de ser rececionada até às 24 horas do dia anterior ao início de cada um dos trimestres, através dos meios de comunicação estabelecidos pela ADoP.
3. Para efeitos de notificação do praticante desportivo da ausência do envio dentro do prazo estabelecido no número anterior, ou do envio de informação incorreta, nos termos do disposto no art. 7.º da Lei n.º 38/2012 de 28 de Agosto, assim como de qualquer notificação do mesmo relativo a matéria relacionada com a antidopagem, é utilizado para a primeira notificação o endereço fornecido pela Federação de Ginástica de Portugal e, após esta, o endereço constante da informação remetida pelo praticante desportivo.
4. O praticante desportivo que, na informação trimestral enviada à ADoP, envie uma informação falsa incorre na violação da norma antidopagem prevista na alínea e) do n.º 2 do artigo 3.º da Lei n.º 38/2012, de 28 de Agosto, com as consequências previstas nesse diploma.

Artigo 11.º - Disciplinas Coletivas

1. Nas disciplinas coletivas, de acordo com o previsto no artigo 2º, alínea I), da Lei n.º 38/2012, de 28 de agosto, (TEAMGym, Equipas de Ginástica Artística Masculina, Equipas de Ginástica Artística Feminina, Equipas de Ginástica Rítmica, Conjuntos de Ginástica Rítmica), para o cumprimento do disposto no artigo 7.º da Lei n.º 38/2012 de 28 de Agosto, desde que a equipa enquanto tal seja integrada num grupo-alvo, o praticante desportivo pode delegar num representante do seu clube a responsabilidade pelo envio da informação e das respetivas alterações à ADoP, à FIG ou à UEG, consoante o caso, de acordo com critérios definidos por estas, em consonância com o estabelecido na norma internacional para controlo da AMA.
2. As regras previstas no artigo 7º da portaria n.º 11/2013, de 11 de janeiro, aplicam-se, com as devidas alterações, ao disposto no número anterior.
3. Presume-se que ocorreu a delegação prevista no presente artigo, amenos que o praticante desportivo informe a ADoP, a UEG ou a FIG, consoante os casos, no prazo que dispõe para prestar a informação, do contrário, no prazo de que dispõe para prestar a informação, nos termos do artº 7º, da Portaria n.º 11/2013, de 11 de janeiro.
4. A delegação prevista no n.º 1 não afasta a responsabilidade do praticante desportivo em relação às obrigações descritas no artigo 7º da Lei n.º 38/2012 de 28 de Agosto.

Artigo 12.º - Praticante desportivo portador de deficiência

1. O praticante desportivo portador de deficiência que o impeça de exercer o cumprimento do disposto no artigo 7.º da Lei n.º 38/2012, de 28 de agosto, nomeadamente o portador de deficiência intelectual, motora ou visual, pode delegar num representante a responsabilidade pelo envio da informação e das respetivas atualizações à ADoP, de acordo com critérios definidos por esta, em consonância com a norma internacional para controlo da AMA.
2. As regras previstas no artigo 7.º da Portaria n.º 11/2013, de 11 de janeiro, aplicam-se, com as devidas alterações, ao disposto no número anterior.
3. A delegação prevista no presente artigo é solicitada pelo praticante desportivo, nos termos definidos pela ADoP.

4. A delegação prevista no n.º 1 não afasta a responsabilidade do praticante desportivo em relação às obrigações descritas no artigo 7.º da Lei n.º 38/2012, de 28 de agosto.

Artigo 13.º - Obrigação de submissão a controlo de dopagem

1. Os praticantes desportivos, bem como todos aqueles que se encontrem abrangidos pela proibição de dopagem, que participem em competições desportivas oficiais independentemente da sua nacionalidade, estão obrigados a submeter-se ao controlo de dopagem, nos termos da legislação em vigor.
2. O disposto no número anterior aplica-se aos controlos fora de competição, nomeadamente quanto aos praticantes desportivos que se encontrem em regime de alto rendimento, devendo as respetivas ações de controlo de dopagem processar-se sem aviso prévio.
3. Tratando-se de menores de idade, no ato de inscrição ou revalidação da inscrição na FGP é exigida a respetiva autorização, por parte de quem exerce poder paternal ou detém a tutela sobre os mesmos, para a sua sujeição aos controlos de dopagem em competição e fora de competição.
4. O formulário utilizado para os efeitos previstos no número anterior, faz parte integrante do presente regulamento figurando como anexo (Anexo II).

Capítulo II - Ações e Tramitação do Controlo

Artigo 14.º - Ações de controlo

1. As ações de controlo são realizadas nos termos previstos na legislação em vigor.
2. Para além do estatuído no artigo anterior, podem ser realizadas ações de controlo de dopagem em relação a todos os praticantes desportivos que estejam integrados no grupo alvo de praticantes desportivos a submeter a controlo da ADoP ou da FIG, nomeadamente os integrados no regime de alto rendimento e os que façam parte de seleções nacionais.
3. A Federação de Ginástica de Portugal comunicará à ADoP todas as ações de controlo de dopagem a que os seus praticantes filiados forem submetidos no estrangeiro.
4. Podem ser realizadas ações de controlo de dopagem no estrangeiro a cidadãos nacionais, bem como a cidadãos

estrangeiros em território português, nomeadamente no âmbito de acordos bilaterais celebrados com organizações antidopagem de outros países.

Artigo 15.º - Solicitação dos controlos de dopagem

1. Compete à Federação enviar à ADoP, com a antecedência mínima de quatro dias úteis em relação à data de realização de um controlo de dopagem inscrito no programa nacional antidopagem, toda a informação relevante para a realização do mesmo, nomeadamente a data e o local da realização, a hora prevista para o início do controlo e o nome e o contacto do representante da entidade organizadora.
2. Compete à ADoP decidir sobre a realização de controlos de dopagem solicitados pela Federação, ou por outras entidades organizadoras de competições ou eventos desportivos, que não integrem o programa nacional antidopagem.
3. A solicitação de controlos de dopagem referida no número anterior é dirigida ao presidente da ADoP, acompanhada da informação descrita no n.º 1.
4. A informação referida nos números 1 e 3 é realizada através do preenchimento de um modelo disponibilizado pela ADoP.

Artigo 16.º - Instalações

1. As ações de controlo são realizadas em instalações adequadas, de fácil acesso e devidamente assinaladas, que garantam condições mínimas de higiene, segurança, privacidade e conforto dos seus utilizadores, nos termos previstos no n.º 2 do artigo 16 da Portaria n.º 11/2013, de 11 de janeiro.
2. Caso não estejam garantidas as condições previstas no número anterior, o médico responsável pelo controle de dopagem (MRCD) determina a realização do controlo de dopagem em instalações por si escolhidas, sendo os respetivos custos imputados ao promotor da competição ou do evento desportivo pela ADoP.

Artigo 17.º - Ações de controlo em competição

1. As competições de âmbito nacional nas quais, em cada época desportiva, se poderão realizar controlos são, nomeadamente:
 - a. Campeonatos e Torneios Nacionais;
 - b. Meetings Internacionais de elevado índice técnico.
2. Para cada uma das competições referidas no número anterior a Federação nomeará ou designará um elemento como delegado para o controlo de dopagem.

Artigo 18.º - Seleção dos praticantes desportivos

1. A seleção dos praticantes desportivos a submeter a controlos em competição, nas disciplinas individuais é realizada de acordo com os seguintes critérios:
 - a. Sorteio das provas em disputa sendo submetidos ao controlo os respetivos vencedores;
 - b. De forma aleatória, um número determinado de ginastas de entre todos os participantes das provas sorteadas para submeter a controlo.
2. A metodologia referida nos números anteriores respeita os princípios definidos na norma internacional para controlo da AMA e no regulamento antidopagem da Federação Internacional de Ginástica.
3. O MRCD sujeita ao controlo de dopagem qualquer outro praticante cujo comportamento na competição se tenha revelado anómalo do ponto de vista médico ou desportivo.
4. A seleção dos praticantes desportivos a submeter a controlos de dopagem fora de competição é realizada pela ADoP, podendo ocorrer por sorteio ou de forma direcionada.

Artigo 19.º - Notificação da ação do controlo

1. A realização de uma ação de controlo em competição ou num evento desportivo é notificada no local, aos praticantes e delegados dos clubes.
2. O praticante desportivo é notificado pelo MRCD ou por outra pessoa por este delegada, recorrendo para o efeito ao formulário do controlo antidopagem aprovado e disponibilizado pela ADoP.
3. Os praticantes desportivos intervenientes na competição ou no evento desportivo ficam sob vigilância e à disposição do MRCD, não podendo, sem a sua autorização, abandonar o local onde se realiza o controlo.
4. Se um praticante desportivo não se apresentar no local de controlo dentro do prazo determinado, este facto será registado pelo MRCD no relatório da ação de controlo e corresponde a uma recusa ao controlo de dopagem, de acordo com o disposto na alínea d) do n.º 2 do artigo 3.º da Lei n.º 38/2012 de 28 de Agosto.

Artigo 20.º - Comparência no local do controlo

1. O praticante desportivo, após a notificação a que se refere o artigo anterior, deve dirigir-se de imediato para o local do controlo, acompanhado pelo MRCD ou por quem este delegar.
2. No caso do praticante desportivo não se poder deslocar imediatamente para o local do controlo, de acordo com os motivos

definidos na norma internacional para controlo da AMA, será acompanhado em permanência por um auxiliar de controlo de dopagem, devidamente credenciado pela ADoP e indicado pelo organizador da competição ou do evento desportivo ou pela ADoP para o efeito.

Artigo 21.º - Ausência no controlo por assistência médica

1. Os organizadores da competição ou do evento desportivo onde o controlo se realize, informam de imediato o MRCD caso um praticante desportivo selecionado para o mesmo se tenha ausentado do local onde decorreu a competição ou evento desportivo, a fim de ser submetido a assistência médica.
2. A obrigação referida no número anterior aplica-se igualmente ao praticante desportivo e, no seu impedimento, ao seu pessoal de apoio.
3. No caso mencionado no nº 1, o MRCD determina as medidas necessárias para assegurar a realização do controlo.

Artigo 22.º - Submissão ao controlo

1. O praticante desportivo, quando selecionado, deve submeter-se ao controlo fora de competição, logo que para tal seja notificado pelo MRCD, pela Federação de Ginástica de Portugal ou pela ADoP.
2. As ações de controlo a praticantes desportivos que se encontrem fora do território nacional podem ser solicitadas pela Federação de Ginástica de Portugal à ADoP que, se considerado necessário, as solicita à sua congénere do país em que o praticante se encontre, a fim de serem por esta, ou sob a sua égide, executadas.

Artigo 23.º - Colheita de amostras

1. A colheita das amostras é feita pelo MRCD, podendo este ser coadjuvado pelo paramédico designado para o efeito.
2. A metodologia de colheita de amostras respeita os princípios definidos na norma internacional para controlo da AMA.
3. Antes do início da colheita de amostras, o praticante desportivo identifica-se mediante documento oficial com fotografia ou através do respetivo cartão emitido pela Federação de Ginástica de Portugal.
4. O praticante pode fazer-se acompanhar, querendo, por uma pessoa da sua confiança, devendo esta identificar-se através de documento legal para os devidos efeitos.

5. O acompanhamento referido no número anterior é obrigatório para:
 - a. Os praticantes desportivos menores de idade;
 - b. Para os praticantes desportivos portadores de deficiência visual ou mental.
6. O MRCD deve obrigatoriamente apresentar as suas credenciais ao praticante desportivo e ao seu acompanhante.
7. No início da operação de recolha, o MRCD explica ao praticante desportivo e ao seu acompanhante o procedimento do controlo de dopagem e informa sobre os seus direitos e deveres.
8. Durante a sessão de colheita das amostras, o praticante deve observar o que lhe seja determinado pelo MRCD.

Artigo 24.º - Notificações relativas a resultados analíticos positivos

1. A ADoP, após confirmar que não foi concedida uma autorização de utilização terapêutica e que não se verificou nenhuma violação das normas internacionais para controlo ou de laboratórios da AMA, procede à notificação referida no n.º 1 do artigo 35.º da Lei n.º 38/2012, de 28 de Agosto, endereçada à Federação.
2. Na notificação referida no número anterior, a ADoP informa a Federação, sobre a data e a hora para a eventual realização da segunda análise, proposta pelo Laboratório de Análises de Dopagem (LAD) ou por outro laboratório antidopagem acreditado pela AMA, a qual deverá ser efetuada o mais rapidamente possível e nunca depois de decorridos 7 dias úteis após a notificação do relatório analítico positivo pelo laboratório.
3. A Federação, ao rececionar a notificação referida no número anterior, procede nas 24 horas seguintes à notificação do praticante desportivo em causa e do seu clube, de acordo com o previsto no n.º 2 do artigo 35.º da Lei n.º 38/2012, de 28 de Agosto.
4. O praticante desportivo, após ter recebido a notificação do dia e da hora para a eventual realização da segunda análise, informa por qualquer meio escrito - o mais rapidamente possível e nunca depois de decorridas 24 horas após a receção da mesma - a Federação se deseja exercer os direitos conferidos pelas alíneas b), c) e d) do n.º 2 do artigo 35.º da Lei n.º 38/2012 de 28 de Agosto.
5. A Federação, ao receber a informação mencionada no número anterior informa de imediato a ADoP, por qualquer meio, confirmando posteriormente por qualquer meio escrito, e garantindo a confidencialidade da informação.
6. Compete à ADoP informar de imediato o LAD, ou o laboratório antidopagem acreditado pela AMA responsável pela realização da

primeira análise, do teor da informação prestada nos termos do número anterior.

7. Caso o praticante desportivo informe a Federação que prescinde da realização da segunda análise, a ADoP, ao ser notificada dessa decisão, informa a Federação sobre a necessidade de abertura de procedimento disciplinar.
8. Caso o praticante desportivo não responda à notificação da Federação no prazo estipulado no número 4, o LAD ou o laboratório antidopagem acreditado pela AMA responsável pela realização da primeira análise, procede à realização da segunda análise na data previamente definida, na presença de uma testemunha independente.

Artigo 25.º - Realização da segunda análise

1. Na realização da segunda análise pode estar presente, para além das pessoas e entidades referidas no artigo 35.º da Lei n.º 38/2012, de 28 de Agosto, um representante da Federação.
2. O praticante desportivo deve ser portador da cópia do formulário do controlo antidopagem que lhe foi entregue no momento em que realizou a colheita das amostras.
3. Todas as pessoas e entidades presentes na realização da segunda análise devem ser portadoras de documento de identificação e/ou de procuração com poderes de representação.
4. Do que se passar na segunda análise é lavrada ata, subscrita pelos presentes e remetida cópia para a Federação, de forma a acionar os mecanismos disciplinares.
5. Compete à Federação, caso o resultado da segunda análise confirme o da primeira análise:
 - a. Suspender preventivamente até decisão final do processo disciplinar o praticante desportivo em causa até ao 2.º dia posterior à receção da respetiva notificação emitida pela ADoP;
 - b. Determinar a abertura de um procedimento disciplinar pelo órgão disciplinar federativo.
6. O disposto no número anterior não se aplica nos casos em que a ADoP determine a realização de exames complementares de acordo com o disposto no artigo 36.º da Lei n.º 38/2012, de Agosto.
7. A entidade referida no número anterior é distinta daquela à qual compete a decisão disciplinar.

Capítulo III - Regime Sancionatório e Procedimento Disciplinar

Artigo 26.º - Ilícitos disciplinares

1. Constitui ilícito disciplinar a violação do disposto nos artigos nº 2 do artº 3º, bem como a violação do nº 2 do artigo 37.º da Lei 38/2012 de 28 de Agosto:
2. O disposto nos artigos 44.º, 45.º e 46.º da Lei 38/2012 de 28 de Agosto, constituem igualmente ilícitos disciplinares quando o infrator for um praticante desportivo, um elemento do seu pessoal de apoio ou se encontre inscrito na Federação de Ginástica de Portugal.
3. A tentativa e a negligência são puníveis.

Artigo 27.º - Denúncia

Caso, no âmbito dos processos de inquérito ou disciplinares previstos na presente lei, forem apurados factos suscetíveis de indiciarem a prática de um crime, devem os mesmos ser comunicados pela Federação de Ginástica de Portugal ao Ministério Público e à ADoP.

Artigo 28.º - Abertura de procedimento disciplinar

A existência de indícios de uma infração às normas antidopagem determina automaticamente a abertura de um procedimento disciplinar pelo órgão disciplinar federativo, adequado a determinar a eventual existência de envolvimento e o grau de participação por parte do pessoal de apoio ao praticante desportivo, devendo, nomeadamente, averiguar quanto ao modo de obtenção pelo praticante desportivo da substância ou método proibido.

Artigo 29.º - Procedimento disciplinar

1. A notificação, pela ADoP, de uma violação de norma antidopagem determina que a Federação envie a mesma ao respetivo órgão disciplinar federativo, no prazo máximo de cinco dias úteis a contar da data da sua receção, para que este proceda à abertura do respetivo procedimento disciplinar.
2. A entidade responsável pela elaboração da instrução do procedimento disciplinar emite a nota de culpa, no prazo de dez dias úteis, contados após o envio do processo para o respetivo órgão disciplinar federativo.

Artigo 30.º - Aplicação de sanções disciplinares

1. A aplicação das sanções disciplinares previstas no presente regulamento compete à ADoP e encontra-se delegada na Federação de Ginástica de Portugal, titular do estatuto de utilidade pública desportiva.
2. Esta Federação dispõe de uma instância de recurso – Conselho de Justiça -, para o qual o agente desportivo sancionado pode recorrer, sem efeito suspensivo, a qual é uma entidade diversa e independente da que o sancionou em primeira instância.
3. Entre a comunicação da violação de uma norma antidopagem e a aplicação da correspondente sanção disciplinar não pode mediar um prazo superior a 120 dias, de acordo com o previsto no n.º 3 do artigo 59.º da Lei n.º 38/2012, de 28 de agosto.
4. O prazo definido no número anterior inicia-se na data da receção da notificação de uma violação de norma antidopagem por parte da ADoP à FGP.
5. Em caso de incumprimento do prazo referido no n.º 3, a FGP remete no prazo máximo de cinco dias o processo disciplinar à ADoP, que fica responsável pela instrução e/ou aplicação da sanção disciplinar.

Artigo 31.º - Impugnação de sanções disciplinares

1. Sem prejuízo do disposto no n.º 3, as decisões dos órgãos disciplinares da Federação, ou da ADoP, que impliquem um procedimento disciplinar são recorríveis para o Tribunal Arbitral do Desporto, tendo a ADoP sempre legitimidade para recorrer se a decisão não tiver sido por si proferida.
2. A Federação Internacional de Ginástica e a AMA podem intervir no processo para defender os interesses relativos ao combate à dopagem no desporto, nos termos gerais de direito e, em particular, nos termos da Convenção Internacional contra a Dopagem no Desporto da UNESCO.
3. As decisões emergentes de violações praticadas por praticante desportivo de nível internacional, ou em eventos internacionais, são recorríveis para o Tribunal Arbitral do Desporto de Lausanne, nos termos previstos no Código Mundial Antidopagem.
4. Até à criação e funcionamento do Tribunal Arbitral do Desporto, a impugnação das decisões de aplicação de coimas ou de sanção disciplinar é feita para o tribunal administrativo competente.

Artigo 32º - Presença ou uso de substâncias ou métodos proibidos

1. Em caso de violação de normas antidopagem previstas nas alíneas a) a c) do n.º 2 do artigo 3º da Lei nº 38/2012, de 28 de agosto, o praticante desportivo é punido, tratando-se de primeira infração, com pena de suspensão por um período de 2 anos.
2. A tentativa é punível.

Artigo 33.º - Substâncias específicas

Tratando-se do uso de substâncias específicas, nos casos em que o praticante desportivo faça prova do modo como a substância entrou no seu organismo e de que o seu uso não visou a melhoria do rendimento desportivo ou não teve efeito mascarante, o praticante desportivo é punido, tratando-se de primeira infração, com pena de advertência ou com pena de suspensão até dois anos.

Artigo 34.º - Outras violações às normas antidopagem

1. Ao praticante desportivo que violar as normas antidopagem previstas nas alíneas d), e) e h) do n.º 2 do artigo 3º da Lei nº 38/2012, de 28 de agosto é aplicada a sanção de suspensão da atividade desportiva de dois anos, para a primeira infração.
2. Ao praticante desportivo que violar as normas antidopagem previstas nas alíneas f) e g) do n.º 2 e no n.º 3 do artigo 3º da Lei nº 38/2012 de 28 de agosto, é aplicada a sanção de suspensão de atividade de um a dois anos, para a primeira infração.
3. Ao praticante desportivo que participe em eventos ou competições desportivas durante o período de suspensão preventiva ou efetiva são anulados os resultados obtidos e será iniciada a contagem do período de suspensão inicialmente imposto, desde a data da violação do período de suspensão.
4. O praticante desportivo que violar o disposto nos artigos 44º, 45º e 46º da lei nº 38/2012 , de 28 de agosto, é igualmente punido disciplinarmente com pena de suspensão de 4 até 25 anos, tratando de primeira infração.

Artigo 35.º - Sanções ao pessoal de apoio ao praticante desportivo

1. Ao pessoal de apoio do praticante desportivo que violar uma norma antidopagem descrita nas alíneas e), e i) do n.º 2 do artigo 3.º da Lei n.º 38/2012 de 28 de Agosto, é aplicada uma

suspensão da atividade desportiva por um período de dois anos, para a primeira infração.

2. Para o pessoal de apoio do praticante desportivo que for profissional de saúde, a sanção descrita no número anterior é agravada, nos seus limites, mínimo e máximo, para o dobro.
3. Ao pessoal de apoio do praticante desportivo que violar o período de suspensão preventiva ou efetiva, será iniciada a contagem do período de suspensão inicialmente imposto, desde a data da violação do período de suspensão.
4. Ao pessoal de apoio do praticante desportivo que praticar os ilícitos criminais previstos nos artigos 44º, 45º e 46º do referido diploma legal é aplicada a sanção de suspensão da atividade desportiva pelo período de 4 a 25 anos, para a primeira infração.

Artigo 36.º - Múltiplas violações

1. No caso de segunda violação de normas antidopagem previstas nos n.ºs 2 e 3 do artigo 3º da Lei 38/2012 de 28 de Agosto, do uso de substâncias específicas ou de outras violações referidas nos artigos anteriores, o período sancionatório das segundas infrações é o constante da tabela anexa ao presente Regulamento (Anexo III) e que dele faz parte integrante.
2. Tratando-se de terceira infração, o praticante desportivo ou o pessoal de apoio ao praticante desportivo é punido com pena de suspensão por um período de 25 anos.
3. No caso mencionado no número anterior, se a terceira violação preencher os requisitos previstos no artigo 62º da Lei 38/2012 de 28 de Agosto ou envolver uma violação de norma antidopagem de acordo com as alíneas f) e g) do n.º 2 e o n.º 3 do artigo 3º do mencionado diploma legal, o praticante desportivo é punido com pena de suspensão por um período de 8 a 25 anos.
4. Consideram-se múltiplas violações, para os efeitos do presente artigo, aquelas que ocorrerem dentro de um intervalo de tempo de oito anos relativamente à data em que ocorrer a primeira violação.

Artigo 37.º - Sanções por violação da obrigação de confidencialidade

1. Todos os intervenientes no processo de controlo de dopagem estão sujeitos ao dever de confidencialidade referente aos assuntos que conheçam em razão da sua atividade.
2. Quem violar o dever de confidencialidade previsto no número anterior é punido com uma pena de suspensão da atividade desportiva:

- a. Tratando-se de primeira infração, com pena de suspensão por um período de 6 meses a 2 anos, e com uma multa entre € 500 e € 2000.
 - b. Tratando-se de segunda infração, com pena de suspensão por um período de 2 a 4 anos, e com uma multa entre € 2000 e € 3500.
3. Sem prejuízo da responsabilidade prevista em lei específica, a violação da confidencialidade no tratamento de dados pessoais ou outra informação sensível relativa ao controlo de dopagem constitui infração disciplinar.

Artigo 38.º - Determinação da medida da multa

1. A determinação da medida da multa, dentro dos seus limites, faz-se em função da gravidade da infração, da culpa, da situação económica do agente e do benefício económico ou desportivo que este retirou da prática da infração.
2. Tratando-se de negligência os limites, mínimo e máximo da multa aplicáveis são reduzidos a metade.
3. A tentativa é punível com multa aplicável à infração consumada, especialmente atenuada.

Artigo 39.º - Direito a audiência prévia

O praticante desportivo ou outra pessoa tem o direito, em qualquer dos casos, antes de ser aplicada qualquer sanção, a ser ouvido com vista a apresentar os seus argumentos de forma a tentar eliminar ou reduzir a sanção a aplicar.

Artigo 40.º - Eliminação ou redução do período de suspensão com base em circunstâncias excecionais

1. A aplicação de qualquer sanção inferior a uma suspensão da atividade desportiva de 2 anos tem que ser precedida, para efeitos de aprovação da mesma, de parecer prévio emitido pelo Conselho Nacional Antidopagem (CNAD).
2. O praticante desportivo ou outra pessoa pode eliminar o seu período de suspensão se provar que não teve culpa ou não foi negligente face a uma violação de norma antidopagem, sendo que, no caso de lhe serem detetadas substâncias, marcadores ou metabolitos, terá de demonstrar como tais elementos entraram no seu organismo.
3. O praticante desportivo ou outra pessoa pode reduzir o seu período de suspensão se provar que não teve culpa significativa ou não foi significativamente negligente face a uma violação de norma antidopagem, sendo que o período de suspensão reduzido não poderá ser inferior a metade da penalização aplicável ao caso

e, no caso de um praticante desportivo, se lhe forem detetadas substâncias, marcadores ou metabolitos, terá de demonstrar como tais elementos entraram no seu organismo.

4. A entidade responsável pelo processo relativo a uma violação de norma antidopagem pode, antes da decisão final, suspender parte do período de suspensão se o praticante desportivo ou outra pessoa prestar um auxílio considerável a essa mesma entidade ou às autoridades criminais na descoberta de violações de normas antidopagem, criminais ou disciplinares, por parte de outra pessoa, sendo que a suspensão do período em causa dependerá da gravidade da violação da norma antidopagem, bem como do auxílio prestado, não podendo ser suspensa mais de três quartos da duração do período de suspensão que seria aplicável ao caso.
5. O período de suspensão pode ser reduzido até metade, caso o praticante desportivo admita voluntariamente a violação de norma antidopagem antes de ter recebido a notificação do resultado analítico da amostra recolhida que poderia indiciar tal violação e se, nesse momento, não existir qualquer outra prova da violação.
6. A entidade competente, após consulta ao CNAD, baseia a sua decisão nos factos respeitantes a cada caso, nomeadamente o tipo de substância ou método em causa, riscos relativos à modalidade desportiva em questão, a colaboração na descoberta da forma como foi violada a norma antidopagem e o grau de culpa ou negligência do agente, sendo que a redução da sanção não poderá em caso algum ser para menos do que um quarto da penalização aplicável.
7. Nas situações de eliminação ou redução do período de suspensão com base em circunstâncias excecionais devem ser tidas em conta as disposições da AMA e a sua prática.

Artigo 41.º - Agravamento do período de suspensão com base em circunstâncias agravantes

1. Se a entidade competente considerar, relativamente a um caso de violação das normas antidopagem que não sejam as dos artigos 44º, 45º e 46º da Lei 38/2012 de 28 de Agosto, que estão presentes circunstâncias agravantes que justifiquem a imposição de um período de suspensão agravada, a sanção de suspensão será aumentada até um limite de quatro anos, exceto se o praticante desportivo ou outra pessoa provarem em sede de procedimento disciplinar que não cometeram de forma consciente a violação.
2. Não se aplica o disposto no número anterior quando um praticante desportivo ou outra pessoa admita a violação de norma antidopagem após ser confrontado com a mesma pela entidade competente e nos termos em que é configurada por esta.

Artigo 42.º - Parecer prévio

1. Para efeitos do disposto nos n.ºs 1 a 5 do artigo 67.º e no artigo 68.º da Lei 38/2012 de 28 de Agosto, compete à Federação de Ginástica de Portugal, ao praticante desportivo ou ao seu clube, requerer o parecer prévio à ADoP, que obrigatoriamente o remete ao CNAD, para cumprimento do disposto nas alíneas a) a c) do n.º1 do artigo 27.º da Lei n.º 38/2012, de 28 de agosto.
2. O parecer referido no número anterior é requerido após concluída a proposta de sanção disciplinar a aplicar e antes de ser proferida decisão disciplinar pelo órgão disciplinar federativo.
3. Requerido o parecer prévio, o CNAD pronuncia-se no prazo de 10 dias úteis.
4. Não pode ser proferida decisão antes de ser emitido o parecer prévio ou decorrido o prazo referido no número anterior.

Artigo 43.º - Início do período de suspensão

1. O período de suspensão tem início na data da notificação da decisão disciplinar da primeira instância.
2. Qualquer período de suspensão preventiva é deduzido no período total de suspensão a cumprir.
3. Tendo por base o princípio da equidade, no caso de existência de atrasos no processo de instrução ou noutros procedimentos do controlo de dopagem não imputáveis ao praticante desportivo ou outra pessoa alvo do processo, a instância que aplicar a sanção pode declarar como data de início do período de suspensão uma data anterior, que pode recuar até à data de recolha das amostras ou à data em que ocorreu a última violação da norma antidopagem.
4. Caso o praticante ou outra pessoa, quando confrontado com a prova da violação de uma norma, admitir tal infração, pode iniciar o período sancionatório na data da recolha da amostra ou da violação da norma, desde que metade do período sancionatório daí resultante seja cumprida a partir da data da imposição da pena.
5. Ao praticante desportivo é concedido um crédito equivalente ao período de suspensão provisório relativamente à sanção efetivamente deliberada, caso este respeite e reconheça tal inibição.
6. O praticante desportivo não pode beneficiar de qualquer redução do seu período de suspensão pelo facto de, em data anterior à sua suspensão provisória, ter decidido não competir ou ter sido suspenso pela sua equipa.

Artigo 44.º - Estatuto durante o período de suspensão

1. Quem tenha sido objeto da aplicação de uma pena de suspensão não pode, durante o período de vigência da mesma, participar em que qualidade for, numa competição ou evento desportivo.
2. Exceciona-se do disposto no número anterior a participação em programas autorizados de formação antidopagem e de programas de reabilitação autorizados pela ADoP.
3. Um praticante desportivo ou outra pessoa sujeito a um período de suspensão superior a 4 anos pode, após cumprir 4 anos do período de suspensão, participar em competições ou eventos desportivos locais de uma modalidade diferente daquela na qual foi cometida a violação das norma antidopagem, desde que, cumulativamente:
 - a. A competição ou o evento não tenham um nível competitivo que possa qualificar, direta ou indiretamente, para competir, ou acumule pontos para poder competir num campeonato nacional ou numa competição ou evento desportivo internacional;
 - b. Permaneça sujeito a controlos de dopagem.
4. Para além do previsto no artigo 72º da Lei 38/2012 de 28 de Agosto, o praticante desportivo que viole a norma antidopagem que não envolva a eliminação ou redução do período de suspensão com base em circunstâncias excecionais relacionadas com substâncias específicas não pode beneficiar de apoios ou participações por parte do Estado, das Regiões Autónomas e das autarquias ou qualquer entidade por aquelas financiadas.
5. O uso de substâncias específicas, quando acompanhadas da demonstração, pelo agente, dos pressupostos fixados no artigo 62º do aludido diploma legal, não obsta à concessão do benefício de apoios ou participações por parte do Estado, das Regiões Autónomas e das autarquias locais ou de qualquer entidade por aquelas financiadas.

Artigo 45.º - Suspensão dos praticantes desportivos

Compete à Federação de Ginástica de Portugal verificar o cumprimento do disposto no n.º 1 do artigo 70.º da Lei n.º 38/2012 de 28 de Agosto, com a obrigação de notificar a ADoP caso seja detetado um incumprimento à referida norma.

Artigo 46.º - Praticantes integrados no sistema do alto rendimento

Tratando -se de praticantes desportivos integrados no sistema de alto rendimento, as penas disciplinares são acompanhadas das seguintes sanções acessórias:

- a. Suspensão da integração no sistema de alto rendimento enquanto durar a sanção aplicada, na primeira infração;
- b. Exclusão definitiva do sistema de alto rendimento na segunda infração.

Artigo 47.º - Comunicação das sanções aplicadas e registo

1. Para efeitos de registo e organização do processo individual, a Federação de Ginástica de Portugal comunicará à ADoP, no prazo de oito dias, todas as decisões proferidas no âmbito do controlo de dopagem, independentemente de as mesmas poderem ser suscetíveis de recurso.
2. A Federação de Ginástica de Portugal deve igualmente comunicar à ADoP todos os controlos a que os praticantes desportivos filiados nesta Federação tiverem sido submetidos por outras organizações antidopagem.

Artigo 48.º - Invalidação de resultados individuais

1. A violação de uma norma antidopagem no âmbito de um controlo em competição conduz automaticamente à invalidação do resultado individual obtido nessa competição com todas as consequências daí resultantes, incluindo a retirada de quaisquer medalhas, pontos e prémios.
2. A violação de uma norma antidopagem que decorra durante um evento desportivo conduz, mediante decisão da entidade responsável pela organização, à invalidação de todos os resultados individuais obtidos pelo praticante desportivo durante o mesmo, incluindo a perda de todas as medalhas, pontos e prémios que haja conquistado.
3. O disposto no número anterior não se aplica se o praticante desportivo demonstrar que na origem da infração em causa não esteve qualquer conduta culposa ou negligente da sua parte.
4. A invalidação dos resultados referida no n.º 2 aplica-se igualmente nos casos em que, ainda que demonstrada a ausência de culpa ou negligência, os resultados do praticante desportivo noutras competições do mesmo evento desportivo, que não aquela em que ocorreu a infração aos regulamentos antidopagem, tiverem sido influenciados por esta.

Artigo 49.º - Efeitos para equipas e clubes

1. A Ginástica é uma modalidade, por definição individual embora contenha, no seu seio, disciplinas ou especialidades em que a competição é sempre por equipas. São estes os casos da disciplina de **TemGym** e da especialidade de **Conjuntos** na disciplina de Ginástica Rítmica, casos em que o treino é sempre efetuado em conjunto, no mesmo espaço por todos os constituintes da equipa. Assim, para os efeitos deste artigo, apenas são considerados a disciplina e a especialidade da Ginástica acima referidas.
2. Caso mais do que um praticante de uma equipa tenha sido notificado da possibilidade da violação de uma norma antidopagem no âmbito de uma competição desportiva, a equipa deve ser sujeita a um controlo direcionado.
3. Se se apurar que mais do que um praticante de uma equipa incorreu na violação de uma norma antidopagem durante um evento desportivo, podem as entidades atrás mencionadas ser desclassificadas ou ficar sujeitas a outra medida disciplinar.

Artigo 50.º - Anulação de resultados em competições realizadas após a recolha das amostras

Para além do disposto no artigo 74.º da Lei nº 38/2012, de 28 de agosto, todos os outros resultados desportivos alcançados a partir da data em que a amostra positiva foi recolhida, quer em competição quer fora de competição, ou em que ocorreram outras violações das normas antidopagem, são anulados, com todas as consequências daí resultantes, até ao início da suspensão preventiva ou da suspensão, exceto se outro tratamento for exigido por questões de equidade.

Artigo 51.º - Denúncia obrigatória

Os titulares dos órgãos e os funcionários da Federação de Ginástica de Portugal, associações e agrupamentos de clubes nelas filiadas devem transmitir ao Ministério Público e à ADoP notícia dos crimes previstos na Lei nº 38/2012, de 28 de Agosto de 2012 de que tenham conhecimento no exercício das suas funções e por causa delas.

Capítulo IV - Casos Omissos e Entrada em Vigor

Artigo 52.º - Casos Omissos

1. Todo e qualquer caso que se venha a revelar omissos neste regulamento, deverá ser analisado à luz do disposto nos diplomas legais vigentes.
2. Este documento tem o seu articulado de acordo com o disposto nos diplomas legais abaixo referenciados:
 - A Lei n.º 38/2012 de 28 de Agosto;
 - A Portaria n.º 11/2013, de 11 de janeiro.

Artigo 53.º - Entrada em vigor e alterações

1. Este regulamento entrará em vigor no dia seguinte ao seu registo junto da ADoP, correspondendo a prova do registo à sua conformidade com a legislação antidopagem em vigor.
2. As alterações ao presente regulamento ficam sujeitas às mesmas formalidades e só podem ser aplicáveis a partir do início da época desportiva imediatamente posterior à sua adoção.

Anexo I

O Anexo I deste Regulamento Antidopagem da Federação de Ginástica de Portugal corresponde à lista de Substâncias e Métodos Proibidos da Agência Mundial Antidopagem (AMA), na sua versão em vigor, disponibilizada e traduzida para português pela Autoridade Antidopagem de Portugal (ADoP).

Lista de Substâncias e Métodos Proibidos

Código Mundial Antidopagem

1 de setembro de 2014 (Data de Entrada em Vigor)

Ratificada pela Conferência de Partes da Convenção Internacional contra a Dopagem no Desporto da UNESCO em 18/07/2014 e pelo Grupo de Monitorização da Convenção Contra a Dopagem do Conselho da Europa em 01/07/2014.

O texto oficial da Lista de Substâncias e Métodos Proibidos é mantido pela AMA e é publicado em Inglês e Francês. Em caso de conflito entre a versão Portuguesa e as versões originais, a versão em Inglês prevalece.

De acordo com o Artigo 4.2.2. do Código Mundial Antidopagem, todas as Substâncias Proibidas serão consideradas "Substâncias Específicas" exceto as substâncias previstas nas classes **S1**, **S2**, **S4.4**, **S4.5** e **S6.a** e os Métodos Proibidos **M1**, **M2** e **M3**.

SUBSTÂNCIAS E MÉTODOS PROIBIDOS EM COMPETIÇÃO E FORA DE COMPETIÇÃO

SUBSTÂNCIAS PROIBIDAS

S0. SUBSTÂNCIAS NÃO APROVADAS OFICIALMENTE

Qualquer substância farmacológica que não seja referida em qualquer das subseqüentes secções da presente Lista e que não tenha sido objeto de aprovação por qualquer autoridade reguladora governamental de saúde pública para uso terapêutico em humanos (por ex. substâncias sob desenvolvimento pré-clínico ou clínico, ou que foram descontinuadas, drogas de síntese, medicamentos aprovados apenas para uso veterinário) é proibida em competição e fora de competição.

S1. AGENTES ANABOLISANTES

Os agentes anabolisantes são proibidos.

1. Esteroides androgénicos anabolisantes

a. Esteroides androgénicos anabolisantes exógenos* incluindo:

1-androstenediol (5α -androst-1-ene-3 β ,17 β -diol); **1-androstenediona** (5α -androst-1-ene-3,17-diona); **bolandioli** (estr-4-ene-3 β , 17 β -diol); **bolasterona**; **boldenona**; **boldiona** (androst-1,4-

diene3,17-diona); **calusterona**; **clostebol**; **danazol** ([1,2]oxazolo[4',5':2,3]pregna-4-en20-yn17 α -ol); **dehidroclormetiltestosterona** (4-cloro17 β -hidroxi-17 α -metilandro1,4-dien3-ona); **desoximetiltestosterona** (17 α -metil5 α -andro1,2-ene17 β -ol); **drostanolona**; **estanozolol**; **estembolona**; **etilestrenol** (19-norpregna4-en17 α -ol); **fluoximesterona**; **formebolona**; **furazabol** (17 α -metil[1,2,5]oxadiazolo[3',4':2,3]-5 α -androstan17 β -ol); **gestrinona**; **4-hidroxitestosterona** (4,17 β -dihidroxiandro1,4-en3-ona); **mestanolona**; **mesterolona**; **metandienona** (17 β -hidroxi17 α -metilandro1,4-diene3-ona); **metandriol**; **metasterona** (17 β -hydroxy2 α ,17 α -dimethyl5 α -androstan3-one); **metenolona**; **metildienolona** (17 β -hidroxi17 α -metilestra4,9-diene3-ona); **metil-1-testosterona** (17 β -hidroxi17 α -metil5 α -andro1,1-ene3-ona); **metilnortestosterona** (17 β -hidroxi17 α -metilestra4-ene3-ona); **metiltriolenona** (17 β -hidroxi17 α -metilestra4,9,11-trien3-ona); **metiltestosterona**; **metribolona** (methyltriolenona, 17 β -hidroxi17 α -metilestra4,9,11-trien3-ona); **mibolona**; **nandrolona**; **19-norandrostenediona** (estr-4-ene3,17-diona); **norboletona**; **norclostebol**; **noretandrolona**; **oxabolona**; **oxandrolona**; **oximesterona**; **oximetolona**; **prostanazol** (17 β -[(tetrahydropyran-2-yl)oxy]-1'H-pyrazolo[3,4:2,3]-5 α -androstan-17 β -ol); **quimbolona**; **1-testosterona** (17 β -hidroxi5 α -andro1,1-ene3-ona); **tetrahydrogestrinona** (17-hydroxy18 α -homo19-nor17 α -pregna4,9,11-trien3-one); **trembolona** (17 β -hydroxyestr4,9,11-trien3-one) e outras substâncias com estrutura química similar ou efeito(s) biológico(s) similar(es).

b. Esteroides androgénicos anabolisantes endógenos**, quando administrados exogenamente:

Androstenediol (andro1,4-diene3 β ,17 β -diol); **androstenediona** (andro1,4-diene3,17-diona); **dihidrotestosterona** (17 β -hidroxi5 α -andro1,1-ene3-ona); **prasterona** (dehidroepiandrosterona, DHEA, 3 β -hydroxyandro1,4-diene3,17-one); **testosterona** e os seguintes metabolitos e isómeros, incluindo, mas não limitado a:

5 α -androstan-3 α ,17 α -diol; **5 α -androstan-3 α ,17 β -diol**; **5 α -androstan-3 β ,17 α -diol**; **5 α -androstan-3 β ,17 β -diol**; **andro1,4-diene3 α ,17 α -diol**; **andro1,4-diene3 α ,17 β -diol**; **andro1,4-diene3 β ,17 α -diol**; **andro1,4-diene3 β ,17 β -diol**; **andro1,4-diene3 α ,17 α -diol**; **andro1,4-diene3 α ,17 β -diol**; **andro1,4-diene3 β ,17 α -diol**; **4-androstenediol** (andro1,4-diene3 β ,17 β -diol); **5-androstenediona** (andro1,4-diene3,17-diona); **epi-dihidrotestosterona**; **epitestosterona**; **etiocolanolona**; **3 α -hidroxi5 α -androstan-17-ona**; **3 β -hidroxi5 α -androstan-17-ona**; **7 α -hidroxi-DHEA**; **7 β -hidroxi-DHEA**; **7-keto DHEA**; **19-norandrosterona**; **19-noreticoliocolanolona**.

2. Outros agentes anabolisantes, incluindo mas não limitados a:

Clenbuterol, moduladores seletivos dos recetores dos androgénios (SARMs), tibolona, zeranol, zilpaterol.

Para efeitos desta secção:

* “Exógeno” refere-se a uma substância que não é normalmente produzida pelo organismo naturalmente.

** “Endógeno” refere-se a uma substância que é normalmente produzida naturalmente pelo organismo.

S2. HORMONAS PEPTÍDICAS, FATORES DE CRESCIMENTO E SUBSTÂNCIAS RELACIONADAS

As seguintes substâncias e seus fatores de libertação, são proibidas:

1. Agentes Estimulantes da Eritropoiese. [por ex. Eritropoietina (EPO), darbopoietina (dEPO), estabilizadores dos fatores indutores de hipoxia (HIF) (por ex: xénon, árgon), metoxi polietileno glicol-epoiteína beta (CERA), peginesatida (Hematida)];

2. Gonadotrofina Coriónica (CG) e Hormona Luteinizante (LH) e os seus fatores de libertação, proibidas apenas nos praticantes desportivos do sexo masculino;

3. Corticotrofinas e os seus fatores de libertação;

4. Hormona de crescimento (GH) e os seus fatores de libertação e **Fatores de Crescimento insulina-like (IGF-1).**

Para além disso, os seguintes fatores de crescimento são proibidos

Fatores de crescimento fibroblásticos (FGFs), Fatores de crescimento hepatocitários (HGF), Fatores de crescimento mecânicos (MGFs), Fatores de crescimento plaquetários (PDGF) e Fatores de crescimento vaso-entoteliais (VEGF), assim como outros fatores de crescimento que afetem a síntese proteica/degradação ao nível dos músculos, tendões ou ligamentos, a vascularização, a utilização energética, a capacidade regenerativa ou a mudança de tipo de fibra.

incluindo outras substâncias com estrutura química similar ou efeito(s) biológico(s) similar(es).

S3. BETA-2 AGONISTAS

Todos os Beta-2 agonistas, incluindo todos os isómeros óticos (por ex. *d*- e *l*-) quando relevante, são proibidos à exceção do salbutamol (máximo de 1600 microgramas num período de 24 horas), formoterol (máximo de 54 microgramas num período de 24 horas) e do salmeterol, quando administrado por via inalatória de acordo com o regime terapêutico recomendado pelo fabricante.

A presença de salbutamol na urina numa concentração superior a 1000 ng/mL ou do formoterol numa concentração superior a 40 ng/mL faz presumir que não se trata de um uso terapêutico da substância e será considerada como um resultado analítico positivo a não ser que o praticante desportivo prove, através de um estudo farmacocinético controlado, que o resultado anormal foi a consequência de uma utilização terapêutica administrada por via inalatória dentro dos limites máximos acima indicados.

S4. MODULADORES HORMONAIS E METABÓLICOS

As seguintes classes são proibidas:

1. Inibidores da aromatase incluindo, mas não limitados a: **aminoglutetimida, anastrozol, androsta-1,4,6-triene,-3,17-diona (androstatrienediona), 4-androstene3,6,17 triona (6-oxo), exemestano, formestano, letrozol, testolactona.**

2. Moduladores seletivos dos recetores dos estrogénios (SERMs) incluindo, mas não limitados a: **raloxifeno, tamoxifeno, toremifeno.**

3. Outras substâncias antiestrogénicas incluindo, mas não limitadas a: **ciclofenil, clomifeno, fulvestrant.**

4. Agentes modificadores da(s) função(ões) da miostatina, incluindo, mas não limitadas a: **inibidores da miostatina.**

5. Moduladores metabólicos:

a) **Insulinas**

b) **Agonistas do recetor ativado δ por proliferadores peroxisomais (PPAR δ)** (por ex: **GW 1516**), **agonistas do eixo da proteína quinase dependente do AMP (AMPK)**, (por ex: **AICAR**).

S5. DIURÉTICOS E OUTROS AGENTES MASCARANTES

Os agentes mascarantes são proibidos. Incluem:

Desmopressina, diuréticos, expansores de plasma (por ex. **glicerol**; administração intravenosa de **albumina dextrano, hidroxietilamido e manitol**) **probenecide** e outras substâncias com efeito(s) biológico(s) similares. A administração local de felypressin em anestesia dentária não é proibida.

Os diuréticos incluem:

Acetazolamida, ácido etacrínico, amilorida, bumetanida, canrenona, clorotalidona, espironolactona, furosemida, indapamida, metolazona, tiazidas (por ex. bendroflumetiazida, clorotiazida, hidroclorotiazida), triamtereno, vaptans (por exemplo tolvaptan) e outras substâncias com estrutura química similar ou efeito(s) biológico(s) similares (exceto a drosperinona, o pamabrom e a aplicação tópica de dorzolamina e de brinzolamida, que não são proibidas).

O uso *Em Competição* e *Fora de Competição*, conforme aplicável, de qualquer quantidade de uma substância sujeita a um valor limite de deteção (por ex. formoterol, salbutamol, catina, efedrina, metilefedrina e pseudoefedrina) associado com um diurético ou outro agente mascarante, requer a obtenção de uma Autorização de Utilização Terapêutica especificamente para essa substância, para além da obtida para o diurético ou outro agente mascarante.

MÉTODOS PROIBIDOS

M1. MANIPULAÇÃO DO SANGUE E DE COMPONENTES DO SANGUE

São proibidos os seguintes:

1. A administração ou reintrodução de qualquer quantidade de sangue autólogo, alogénico, (homólogo) ou heterólogo ou de produtos eritrocitários de qualquer origem no sistema circulatório.
2. Incremento artificial da captação, transporte ou libertação de oxigénio, incluindo mas não limitado a perfluoroquímicos, efaproxiral (RSR13) e produtos modificados da hemoglobina (por ex. substitutos de sangue baseados na hemoglobina, produtos de hemoglobina micro encapsulada), excluindo a administração de oxigénio por via inalatória.
3. Qualquer forma de manipulação intravascular do sangue ou dos componentes do sangue por meios físicos ou químicos.

M2. MANIPULAÇÃO QUÍMICA E FÍSICA

São proibidos os seguintes:

1. A adulteração, ou tentativa de adulteração, de forma a alterar a integridade e validade das amostras recolhidas nos controlos de dopagem, incluindo mas não limitado à substituição e/ou adulteração da urina (por ex. proteases);
2. As infusões e/ou injeções intravenosas de mais de 50 mL por um período de 6 horas são proibidas com exceção das realizadas legitimamente no âmbito de uma admissão hospitalar ou de uma investigação clínica.

M3. DOPAGEM GENÉTICA

Os seguintes métodos, com potencial para melhorar o rendimento desportivo, são proibidos:

1. A transferência de polímeros de ácidos nucleicos ou de análogos de ácidos nucleicos;
2. O uso de células normais ou geneticamente modificadas.

SUBSTÂNCIAS E MÉTODOS PROIBIDOS EM COMPETIÇÃO

As seguintes categorias são proibidas *Em Competição*, para além das incluídas nas categorias S0 a S5 e M1 a M3, descritas anteriormente:

SUBSTÂNCIAS PROIBIDAS

S6. ESTIMULANTES

Todos os estimulantes, (incluindo todos os isómeros óticos (por ex. *d*- e *l*-) quando relevante, são proibidos, exceto os derivados do imidazole utilizados por via tópica e todos os estimulantes incluídos no Programa de Monitorização para 2014*:

Os estimulantes incluem:

a: Estimulantes não específicos:

Adrafinil; anfeprumona; amifenazol; anfetamina; anfetaminil; benfluorex; benzanfetamina; benzilpiperazina; bromantan; clobenzorex; cocaína; cropropamida; crotetamida; fencamina; fendimetrazina; fenetilina; fenfluramina; fenmetrazina; fenproporex; fentermina; fonturacentam [4-fenilpiracetam (carfedon)]; furfenorex; mefenorex; mefentermina; mesocarbo; metanfetamina (d-); p-metilanfetamina; prenilamina; modafinil; norfenfluramina; prolintano.

Um estimulante que não esteja descrito nesta secção é uma Substância Específica.

b: Estimulantes específicos (exemplos):

Benzefetamina; catina; catinona e os seus análogos (por exemplo mefedrona, metedrona, α -pirrolidinovalerofenona); dimetilanfetamina; efedrina***; epinefrina**** (adrenalina); etamivan; etilanfetamina; etilefrina; estricnina; famprofazona; fembutrazato; fencafamina; fenprometamina; heptaminol; hidroxianfetamina (parahidroxianfetamina); isometeptano; levmetanfetamina; meclofenoxato; metilefedrina***; metilendioximetanfetamina; metilhexaneamina (dimetilpentilamina); metilfenidato; niquetamida; norfenefrina; octopamina; oxilofrina (metilsinefrina); pemolina; pentetrazol; propilhexedrina; pseudoefedrina*****; selegilina; sibutramina; tenanfetamina (metilendioxianfetamina); trimetazidina; tuaminoheptano e outras substâncias com estrutura química similar ou efeito(s) biológico(s) similar(es).**

* As seguintes substâncias incluídas no Programa de Monitorização para 2014 (bupropion, cafeína, fenilefrina, fenilpropanolamina, nicotina, pipradol e sinefrina) não são consideradas Substâncias Proibidas.

** A **catina** é proibida quando a concentração na urina seja superior a 5 microgramas por mililitro.

*** Tanto a **efedrina** como a **metilefedrina** são proibidas quando a concentração na urina seja superior a 10 microgramas por mililitro.

**** A administração local (por ex. nasal, oftalmológica) de **epinefrina (adrenalina)** ou quando associada com anestésicos locais não é proibida.

***** A **pseudoefedrina** é proibida quando a concentração na urina seja superior a 150 microgramas por mililitro.

S7. NARCÓTICOS

Os seguintes narcóticos são proibidos:

Buprenorfina; dextromoramida; diamorfina (heroína); fentanil e os seus derivados; hidromorfona; metadona; morfina; oxiconona; oximorfona; pentazocina; petidina.

S8. CANABINÓIDES

Os canabinóides naturais (por ex. **canábis, haxixe, marijuana**), ou **delta 9-tetrahydrocannabinol (THC)** sintético e os canabimiméticos (por ex. "**Spice**", **JWH018, JWH073, HU-210**) são proibidos.

S9. GLUCOCORTICOSTERÓIDES

Todos os glucocorticosteroides são proibidos quando administrados por via oral, retal ou por injeção intravenosa ou intramuscular.

SUBSTÂNCIAS PROIBIDAS EM ALGUNS DESPORTOS EM PARTICULAR

P.1 ÁLCOOL

O álcool (Etanol) é proibido somente *Em Competição*, nos desportos a seguir indicados. A deteção será realizada pelo método de análise expiratória e/ou pelo sangue. O limite de deteção (valores hematológicos) para considerar um caso como uma violação antidopagem é 0,10 g/L.

- Automobilismo (FIA)
- Desportos Aéreos (FAI)
- Karaté (WKF)
- Motociclismo (FIM)
- Motonáutica (UIM)
- Tiro com Arco (WA)

P.2 BETA-BLOQUEANTES

Os beta-bloqueantes são proibidos somente em competição nos seguintes desportos, exceto se especificado de outra forma:

- Automobilismo (FIA)
- Bilhar (todas as disciplinas) (WCBS)
- Esqui/Snowboard (FIS) saltos e estilo livre
- Golfe (IGF)
- Setas (WDF)
- Tiro (ISSF, IPC) (proibido igualmente fora de competição)
- Tiro com Arco (WA) (proibido igualmente fora de competição)

Beta-bloqueantes incluindo, mas não limitados aos seguintes:

Acebutolol; alprenolol; atenolol; betaxolol; bisoprolol; bunolol; carvedilol; carteolol; celiprolol; esmolol; labetalol; levobunolol; metipranolol; metoprolol; nadolol; oxprenolol; pindolol; propranolol; sotalol; timolol.

Anexo II

DECLARAÇÃO

Eu, abaixo assinado (a) _____,
residente em _____,
portador do BI n.º _____, emitido em ___ / ___ / _____
pelo Arquivo de Identificação de _____, venho na
qualidade de Pai / Mãe / Tutor (b) do praticante desportivo menor de idade
_____,
declarar que autorizo que lhe sejam efetuados controlos de dopagem em
competição e fora de competição, nos termos do n.º 3 do Artigo 31.º da Lei
n.º 38/2012, de 28 de agosto.

_____, em ___ / ___ / _____

O Declarante

(a) Nome do Declarante (Pai/Mãe/Tutor)

(b) Riscar o que não interessa

(c) Nome do praticante desportivo menor de idade

Anexo III

Múltiplas violações

Primeira violação \ Segunda violação	SASE	SL	SAT	SS	SAG	TRA
SASE	1-4	2-4	2-4	4-6	8-10	10-25
SL	1-4	4-8	4-8	6-8	10-25	25
SAT	1-4	4-8	4-8	6-8	10-25	25
SS	2-4	6-8	6-8	8-25	25	25
SAG	4-5	10-25	10-25	25	25	25
TRA	8-25	25	25	25	25	25